

Densidade da População Rural no Sudeste do Planalto Central em 1940

ELOÍSA DE CARVALHO

Zona de ocupação relativamente antiga, datando do século XVIII determinada pela busca de lavras auríferas e aluviões de diamantes, ou pelo estabelecimento da agricultura e pecuária que sustentassem esses dois tipos de atividade, o sudeste do Planalto Central tem uma população constituída, na sua quase totalidade, de elementos nacionais. Um grande movimento de população dos estados do nordeste, da Bahia, de várias zonas de Minas Gerais e de São Paulo se faz em direção a essa região, contando os municípios do "Mato Grosso" de Goiás com um forte contingente paulista e mineiro na sua composição demográfica¹.

As áreas mais ocupadas do Planalto correspondem às zonas de matas, de solos bons, utilizados pela agricultura e pecuária, que se desenvolvem lado a lado, sem que haja, porém, utilização do adubo ou ajuda animal no preparo da terra. A agricultura é feita por processos rotineiros — plantação após a queimada — transformando-se em pasto a terra utilizada após alguns anos de trabalho agrícola. O uso do arado não é, ainda, comum, mas, já o empregam em certas áreas do Triângulo Mineiro, especialmente no vale do Paranaíba.

A agricultura para fim comercial concentra grande parte da população das zonas de mata, sendo o arroz, o feijão, o milho, o café e a cana de açúcar os produtos mais representativos na região. Fora daquelas zonas, a população rural se dedica a uma agricultura de subsistência, cultivando produtos menos exigentes, entre os quais a mandioca. A transformação desses produtos agrícolas é, ainda, incipiente: beneficiamento do arroz e do café, fabricação de farinha de mandioca, de aguardente e de açúcar de banguê.

A pecuária, entretanto, predomina no Planalto Central. Ela é também, do tipo extensivo, notando-se maior concentração do rebanho bovino exatamente nas zonas de mata, onde se esboça uma preocupação com a seleção do gado, em geral mestiço de zebu; dessas áreas, há algumas especializadas na criação, recriação e engorda, dedicando-se outras mais intensamente à produção de laticínios, de charque ou à preparação de couros.

As zonas de mata, de mais forte densidade de população rural, onde a agricultura e a pecuária se caracterizam por um relativo adiantamento em face do restante do Planalto, são as que apresentam maior divisão da propriedade. No "Mato Grosso" de Goiás e na Mata da Corda, a área média das propriedades rurais é de 150 ha, correspondendo, *grosso modo*, a uma densidade de população de 5 hab/km². Nas zonas de cerrado, de criação extensiva e agricultura de subsistência predomina a grande propriedade, atingindo os imóveis rurais área superior a 1 000 ha.²

A população rural no sudeste do Planalto Central em 1940, foi representada em um mapa traçado pelo sistema de isaritmas, tendo-se trabalhado com dados de densidade de população distrital. Os pontos destinados à interpolação foram colocados não nas sedes dos distritos, mas, nos centros de maior concentração da população rural. Esse trabalho foi baseado na observação dos mapas de distribuição de população dos estados de Minas Gerais e Goiás em 1940, realizados pelo sistema de pontos .

¹ O estado de Goiás, em 1940, contava com 155 480 imigrantes, sendo 69 602 mineiros, 33 119 maranhenses e 32 121 baianos, *Goiás, uma nova fronteira humana*. C.I.C. abril de 1949, p. 124.

² ELZA COELHO DE SOUSA — *Distribuição das propriedades mais no Sudeste do Planalto Central*. — Conselho Nacional de Geografia, inédito.

Em sua maior parte, a região apresenta densidades de população rural pouco elevadas; a menor foi a verificada no distrito de Bandeirante, município de Goiás: 0,02 hab/km². A máxima foi assinalada em Conquista, no município do mesmo nome, que tem 26,49 hab/km², seguida da de Nova Veneza, município de Anápolis, com 16,92 hab/km².

A linha de 2,5 hab/km² separa as zonas de menor densidade de população rural, existindo no sudeste do Planalto Central 66 distritos, dos 208 que o compõem, de densidade de população inferior a 2,5 hab/km²; dos 66 distritos acima referidos, 46 se localizam no estado de Goiás. Dentro desta linha, que isola as áreas do Planalto efetivamente ocupadas, servidas por estradas de ferro e de rodagem, três fortes manchas se destacam nitidamente no mapa. A primeira cobre, em Goiás, a zona do "Mato Grosso"; a segunda se situa entre Minas Gerais e Goiás, no vale do Paranaíba, continuando-se pelo leste do Triângulo Mineiro até o vale do rio Grande; localiza-se a terceira totalmente em Minas Gerais, na Mata da Corda, prolongando-se pelas altas densidades que apresenta, pela zona que envolve Belo Horizonte. Essas manchas de população mais densa correspondem às zonas de solos férteis, provenientes da decomposição de rochas básicas antigas no "Mato Grosso" de Goiás, do *trapp*, oriundo de efusivas básicas nos vales dos rios Paranaíba e Grande e alguns afluentes e de tufos vulcânicos na Mata da Corda.

Densidades de população superiores a 2,5 hab/km² encontram-se ainda no limite extremo do Planalto, no nordeste, interessando parte dos municípios de Posse e de Sítio da Abadia. Inversamente, valores inferiores a 2,5 aparecem dentro do âmbito limitado por essa linha; são as encontradas no distrito de Serra do Salitre (2,24 hab/km²), no município de Patrocínio e no de Tapira (1,57 hab/km²), município de Sacramento, ambos no Triângulo Mineiro.

Vales do Paranaíba e Grande — o Triângulo Mineiro

A linha de 5 hab/km² envolve as áreas de forte população rural que se irradiam dos cursos dos rios Paranaíba e Grande, no Triângulo Mineiro. Zona de terra roxa e vegetação de matas, o Paranaíba e parte do curso inferior de seus afluentes são um forte elemento de concentração de população rural. Do sul do Triângulo para o norte estende-se outra forte mancha que alcança o vale do Araguari e do Quebra-Anzol, seu afluente, pegando as cabeceiras dos tributários da margem esquerda do Paranaíba, acompanhando, *grosso modo*, a mancha de matas, indicativa de solos bons, que se prolonga do Grande em direção àquele rio.

Percorrida a zona pelos bandeirantes no século XVIII, em busca de garimpos e em demanda das minas de Goiás e Mato Grosso, o povoamento do Triângulo Mineiro e sul de Goiás estabilizou-se pela doação de sesmarias em função da pecuária e da agricultura, que dão, ainda hoje, à região, um lugar de destaque no Planalto Central: são dignas de nota as culturas de arroz dos vales do Paranaíba, Araguari e Meia Ponte, sendo as de cana de açúcar mais representativas no do rio Grande. Em ambas as culturas são empregados métodos agrícolas um tanto mais adiantados que no restante do Planalto, como já se assinalou anteriormente e que se refletem nos bons rendimentos e importância das mesmas.

As áreas de cerrado são aproveitadas para a criação de gado bovino, distinguindo-se o vale do Paranaíba, em Goiás, como zona de engorda do gado vindo de vários pontos do estado, em demanda do frigorífico de Barretos, em São Paulo. São fortemente aproveitadas as invernadas de capim jaraguá ou provisório dos municípios de Santa Rita do Paranaíba, atual Itumbiara e Buriti Alegre, dotados de áreas de matas.

A população rural da zona em estudo conta com grandes facilidades de comunicação relativamente ao restante do Planalto. Várias rodovias e ferrovias, a Companhia Mojiana de Estradas de Ferro, a Estrada de Ferro Goiás e a Rêde Mineira de Viação ligam-na a São Paulo, Belo Horizonte e Rio de Janeiro, principais mercados da produção local. A presença dessas vias de comunicação, permitindo melhor aproveitamento da zona e assegurando o escoamento da produção facilita, conseqüentemente, a concentração da população rural. Junto ao vale do Paranaíba, as maiores densidades dos distritos de Grupiara (15,94 hab/km²) e de Cascalho Rico (12,75 hab/km²) encontram-se no município mineiro de Estrêla do Sul, justamente entre as linhas das ferrovias acima assinaladas; em Goiás, a isaritmia de 5 hab/km² engloba a quase totalidade do município de Goiandira, por onde elas se continuam.

Mais a oeste, as densidades são bem menores, fato êsse explicável pela deficiência de transportes; entretanto, os municípios de Santa Rita do Paranaíba (atual Itumbiara) em Goiás, de Monte Alegre, atual Toribaté e Tupaciguara em Minas Gerais, fazem exceção. Com efeito, a Santa Rita do Paranaíba vêm ter as rodovias que drenam o sudoeste e o centro-sul do estado de Goiás, ligando-os a Uberlândia.

A mais forte densidade de população rural do sudeste do Planalto Central encontra-se no sul do Triângulo Mineiro, no vale do rio Grande; é a do distrito de Conquista, no município do mesmo nome, com 26,49 hab/km². Originariamente coberto de matas, atravessam-no a Mojiana e rodovias que demandam São Paulo e Belo Horizonte; êsses fatores e a importante vida econômica do município, produtor de arroz, café e cana de açúcar explicam a forte densidade de população rural aí encontrada.

Chama a atenção, dentro da linha de 2,5 hab/km² no Triângulo Mineiro, a ocorrência de dois pequenos centros de população rural de densidade inferior a êste valor. São os encontrados no distrito de Tapira, com 1,57 hab/km², no município de Sacramento e no de Serra do Salitre, com 2,24 hab/km², no de Patrocínio. Levando-se em conta a sua situação em terrenos pobres formados por chapadões de mais de 1 000 metros de altitude, é explicável a fraca densidade de população rural que apresentam os dois distritos.

A Mata da Corda

A ocorrência de tufo vulcânicos originando solos férteis, permite na Mata da Corda a existência de uma vegetação de matas que, cobrindo o tópo da chapada interessa os municípios de São Gotardo, Rio Paranaíba, Carmo do Paranaíba e Patos de Minas, atingindo Presidente Olegário, Tiros e Campos Altos. A população rural nesta zona é mais densa justamente nos municípios de Carmo do Paranaíba, Rio Paranaíba, São Gotardo e leste do de Patos de Minas, alcançando maior expressão nos de Rio Paranaíba — distrito de Arapuá, com 17,55 hab/km² — e de São Gotardo, no distrito da sede, que tem 16,42 hab/km².

Os bons solos que recobrem a zona originariamente florestal, permitindo melhor aproveitamento agrícola da região, são os responsáveis pela forte densidade de população rural da Mata da Corda. Pode-se observar, efetivamente, que as densidades de população decrescem a partir do município de Presidente Olegário, onde se assinala o aparecimento de solos pobres derivados do arenito Uruçuaia.

A fertilidade das terras e a excelência das pastagens, desde o início do povoamento da Mata da Corda no fim do século XVIII e primeira metade do XIX, atraíram mineiros de outras zonas do estado, vilas de Desemboque, Araxá e Pará de Minas. Hoje, assiste-se a fenômeno inverso; a Mata da Corda está sendo abandonada por habitantes de Patos, Abaeté e Carmo do Paranaíba, que buscam as terras mais novas e menos ocupadas do "Mato Grosso" de Goiás.

O "Mato Grosso" de Goiás

Zona de solos ricos, é a de maior concentração de população rural e urbana do estado de Goiás e a mais bem servida quanto às comunicações, apresentando, em certos trechos, um aspecto de frente pioneira. A linha de 2,5 hab/km² envolve esta grande concentração, infletindo para oeste, em direção ao rio das Almas, alcançando, nos municípios de Jaraguá e Itaberaí a área de matas, para onde se dirige atualmente o povoamento. Ocupada a zona desde a primeira metade do século XVIII, por bandeirantes mineiros, paulistas e baianos, a atual onda pioneira, partindo de Anápolis e Inhumas caminha em direção a terras colonizadas há mais de duzentos anos³. Nas localidades surgidas naquela época em função da mineração, de que são exemplos Goiás, Pirenópolis, Jaraguá, Santa Luzia (atual Luziânia), Pilar, hoje Itapaci, São José do Tocantins e Amaro Leite (Niquelândia), alguns no "Mato Grosso" de Goiás, a cultura da terra era proibida, vindo da Bahia o gado necessário ao abastecimento. Novo tipo de economia e de paisagem sucedeu-se à queda de mineração:

³ LEO WAIBEL — Uma viagem de reconhecimento ao sul de Goiás, R. B. G. — Ano IX, n.º 3, julho-setembro, 1947, C.N.C. — Rio de Janeiro.

o criador de gado passou a dominar, derrubando matas para fazer pastos, até que recentemente a agricultura se tornou elemento importante na região, caracterizando as áreas de ocupação mais nova do "Mato Grosso" de Goiás.

A chegada da estrada de ferro a Anápolis, em 1935, mudou ainda o aspecto da região: facilitou a ocupação das terras e o aumento da densidade de população. Elementos de zonas menos favorecidas do estado, de Minas Gerais, de São Paulo e de outras unidades da Federação, são atraídos pelas áreas de mata do "Mato Grosso", dotadas de solos bons, comparáveis à terra roxa, passíveis ainda de exploração. Como conseqüência, assiste-se a uma rápida valorização das terras e forte subdivisão das propriedades.

A zona do "Mato Grosso" de Goiás é, sob o ponto de vista demográfico, uma região de grande vitalidade; tal fato se deduz da comparação dos resultados dos recenseamentos de 1920 e 1940, que atestam para a zona um aumento de população superior a 100%⁴. Não apenas antigos centros são renovados por êsse influxo, mas, novas localidades surgem, determinando aumento de população na zona.

Goiânia, Anápolis, Anicuns e Inhumas são os municípios de maior densidade de população rural do "Mato Grosso". É importante o papel das comunicações na explicação dessa forte densidade demográfica: comparando-se o mapa de densidade de população com o das vias de comunicação, verifica-se que a disposição da mancha de forte densidade de população rural do "Mato Grosso" segue, em linhas gerais, o traçado das rodovias que se irradiam de Anápolis unindo os municípios de Goiânia, Inhumas, Anicuns, Itaberaí, Jaraguá, Pirenópolis, Corumbá de Goiás e Bonfim, atual Silvânia. As densidades mais elevadas de todo o "Mato Grosso" encontram-se no município de Anápolis, nos distritos de Nova Veneza, atual Goianás, com 16,92 hab/km² e de Nerópolis, com 16,62 hab/km². Anápolis, o maior centro econômico de Goiás, é ponta de trilhos da E. F. Goiás e nó das comunicações rodoviárias do estado, sendo os distritos citados atravessados pela estrada que liga Anápolis a Anicuns.

Além de ser a zona de mais forte densidade de população rural do estado, o "Mato Grosso" de Goiás, é, também, a de maior expressão econômica. As culturas alcançam, nessas terras férteis, bom rendimento; em 1945⁵ o arroz rendeu em média, em Anápolis, Anicuns e Jaraguá, 2 100 kg/ha, contra 1 800 kg/ha em Araguari, o mais importante produtor do Triângulo Mineiro. Quanto à pecuária, a região aparece como de cria e engorda de gado destinado aos frigoríficos de Barretos, em São Paulo. As práticas agrícolas empregadas, são, porém, rotineiras; a derrubada e queimada, a não utilização de adubos e, conseqüentemente, o rápido esgotamento das terras transformadas em pasto após três ou quatro anos de trabalho agrícola, permitem, apenas, o apoio em uns poucos produtos que representam economicamente a região. O sistema agrícola utilizado não oferece, pois, base estável para uma forte densidade de população rural, havendo cada vez mais, necessidade do aproveitamento de novas áreas florestais.

A atual divisão territorial do estado de Goiás — 1948/1953, evidencia a importância demográfica da zona do "Mato Grosso". Dos vinte e um novos municípios, oito se situam dentro da mesma; dois são os de Uruana e Firminópolis, localidades criadas em 1938 nos municípios de Jaraguá e Paraúna, respectivamente. Quanto aos outros seis, eram distritos pertencentes aos municípios de Goiânia, Itaberaí, Anicuns, Anápolis e Jaraguá e que, em 1940 já apresentavam uma densidade de população rural bastante representativa. Todos se situam a oeste dos trilhos da E. F. Goiás e dentro do centro de comunicações do "Mato Grosso", o que prova o avanço demográfico no sentido do aproveitamento das matas situadas a oeste dos centros mais povoados, avanço êsse facilitado pela presença das vias de comunicação.

Dentro da linha de 2,5 hab/km², ao sul e a sudeste do "Mato Grosso" de Goiás, há duas manchas de forte densidade de população rural, explicáveis pela sua própria posição. A primeira, a do sul, constituída pelos municípios de Morrinhos, parte do de Caldas Novas, de Pouso Alto (atual Piracanjuba) e de Buriti Alegre, a meio caminho entre o "Mato Grosso" e o Triângulo Mineiro, é atravessada pela estrada São Paulo-Goiânia, facilitando o intercâmbio entre essas importantes áreas do sudeste do Planalto Central; por Bela Vista,

⁴ *População de Goiás. Comparação entre os recenseamentos de 1920 e 1940.* Conselho Nacional de Geografia. Seção de Ilustrações e Cálculos, 1948.

⁵ Dados fornecidos pelo Serviço de Estatística da Produção do Ministério da Agricultura.

atual Suçupara, Morrinhos e Buriti Alegre desce o gado de "Mato Grosso" em direção às invernadas do Paranaíba. Morrinhos, onde se encontra a mais forte densidade de população rural da zona é importante nó das comunicações rodoviárias locais, ligando-se a Ipameri, ponto de passagem da E.F. Goiás e centro industrial da região.

A outra mancha de mais expressiva densidade de população rural compreende o município de Campo Formoso, atual Orizona e o nordeste do de Pires do Rio. Esta concentração de população rural, que ocupa as pequenas áreas florestais dos afluentes do Corumbá, explica-se, como a anterior, pelas possibilidades de ligação com centros mais importantes, entre os quais se destaca Pires do Rio, centro de beneficiamento dos produtos agrícolas da região.

A nordeste da região em estudo, na zona chamada do Vão do Paranã, ocorrem densidades de população rural superiores a 2,5 hab/km², encontradas nos distritos pertencentes aos municípios de Posse e Sítio da Abadia. Tal concentração de população, que corresponde a u'a maior divisão das terras, como se pode observar no mapa de área média das propriedades rurais é explicada pelas condições pedológicas da região. Derivados do calcário de Bambuí, de fertilidade média quando possuem suficiente umidade, os solos se prestam a uma agricultura simples, especialmente da mandioca, industrializada e enviada aos mercados baianos e, principalmente, a Januária em Minas Gerais, no São Francisco.

Nesta zona infestada pela malária, o estabelecimento humano é explicável pela relativa fertilidade das terras e intercâmbio com os estados da Bahia e Minas Gerais aos quais se liga pela estrada de rodagem São Domingos-Sítio da Abadia-Januária e pelos afluentes da margem esquerda do São Francisco.

Fora da linha de 2,5 hab/km² que limita no sudeste do Planalto Central, como já se teve oportunidade de mostrar, o espaço efetivamente ocupado, esta região não oferece condições que facilitem forte concentração da população rural. Nos vastos chapadões cobertos pelo cerrado, a paisagem típica da maior parte da região, a população ocupa apenas os capões ou encostas dos vales que os entalham. Não dispondo de boas vias de comunicação que permitam o intercâmbio com centros mais desenvolvidos econômica e demograficamente do sudeste do Planalto Central, essa população se caracteriza pela prática da pecuária extensiva em grandes imóveis rurais de mais de 1 000 ha de área média. A agricultura também é praticada, mas, uma agricultura sem valor comercial, de produtos pouco exigentes sob o ponto de vista de solos e de trabalho humano.

A garimpagem do diamante, no sudoeste goiano e a exploração do cristal de rocha, especialmente em Cristalina, são outras atividades econômicas a que se dedica essa população mas, não são de molde a fomentar a sua concentração.

Conclusão

No sudeste do Planalto Central do Brasil a população rural ocupa as encostas dos vales, especialmente dos secundários, onde a presença da água permite a prática da agricultura, evitando-se o fundo dos vales devido ao perigo da malária. A dificuldade de obtenção d'água no alto dos chapadões impede, também, o estabelecimento da população nos mesmos, apenas percorridos pelas estradas e caminhos que ligam fazendas e povoados às principais vias de comunicação.

Do estudo da distribuição da densidade de população rural no sudeste do Planalto Central, conclui-se que dois fatores nela influem poderosamente: a vegetação de matas, índice de bons solos e a facilidade de transporte. O primeiro fator, constituindo quase uma exceção na imensa chapada de solo de cerrado que é o Planalto Central, explica as maiores densidades de população rural da região, encontradas na Mata da Corda, nos vales do Paranaíba e Grande e no "Mato Grosso" de Goiás. Nesta última zona, a de maior vitalidade de todo o sudeste do Planalto Central e de bons solos de mata, a fragilidade do sistema agrícola não permite maior densidade de população rural, apesar da excelência das terras.

Quanto aos transportes, facilitando o escoamento da produção ou permitindo o intercâmbio entre centros econômica e demograficamente mais adiantados, concorrem também para explicar a existência de zonas de expressiva densidade de população rural.

BIBLIOGRAFIA

Livros

Goiás, *uma nova fronteira humana* — Conselho de Imigração e Colonização. 237 páginas. Rio de Janeiro, abril de 1949. 18 fotografias e 15 figs.

Periódicos

MACEDO SOARES GUIMARÃES, Fábio de — *O Planalto Central e o problema da mudança da capital*. R.B.G., ano XI, n.º 4, outubro-dezembro, 1949. 53 fotos, 2 mapas e 2 mapas fora do texto.

MATOS ALMEIDA SIMÕES, Rute — *Distribuição da produção do arroz no sudeste do Planalto Central*. R.B.G., ano XII, n.º 2, abril-junho, 1950. 5 figs. e um 1 mapa fora do texto.

WAIBEL, Leo — *Uma viagem de reconhecimento ao sul de Goiás*. R.B.G., ano IX, n.º 3, julho-setembro, 1947. 17 figs. 3 mapas.

GOMES COELHO MESQUITA, Myriam — *Distribuição do gado bovino no Sudeste do Planalto Central* — Revista Brasileira de Geografia, ano XIV n.º 1.

Mapas

Mapa do Brasil. Esc. 1:5 750 000. I.B.G.E. Conselho Nacional de Geografia. Serviço de Geografia e Cartografia. Rio de Janeiro, 1945.

Mapa Geológico do Estado de Minas Gerais, organizado por DJALMA GUIMARÃES e OTÁVIO BARBOSA. Esc. 1:1 000 000. Serviço Geológico do Estado de Minas Gerais. Seção de Cartografia. Imprensa Oficial, Belo Horizonte.

Mapa Geológico do Brasil. Esc. 1:5 000 000. Departamento Nacional da Produção Mineral. Divisão de Geologia e Mineralogia. Companhia Litográfica Ipiranga. São Paulo, 1942.

População de Goiás, Comparação entre os recenseamentos de 1920 e 1940. Conselho Nacional de Geografia. Seção de Ilustrações e Cálculos, 1948.

Inéditos

Mapa das propriedades rurais no sudeste do Planalto Central. Escala gráfica. Conselho Nacional de Geografia. Divisão de Geografia. Seção Estudos Geográficos.

Mapa de vegetação do sudeste do Planalto Central. Esc. 1:500 000 organizado pelo Serviço de Geografia e Cartografia do Conselho Nacional de Geografia, em 1948/9.

Mapa de distribuição da população do estado de Goiás em 1940 — Seção de Estudos Geográficos. Conselho Nacional de Geografia, 1947.

Mapa de distribuição da população do estado de Minas Gerais — Seção de Estudos Geográficos. Conselho Nacional de Geografia, 1949.

Monografias histórico-corográficas dos municípios do Planalto Central. I.B.G.E. Recenseamento de 1940.

RUELLAN, Francis — Relatório preliminar da primeira expedição geográfica ao Planalto Central do Brasil. Conselho Nacional de Geografia, 1947.

COELHO DE SOUSA, Elza — *Distribuição das propriedades rurais no sudeste do Planalto Central*. Conselho Nacional de Geografia. Divisão de Geog. Seção Estudos Geográficos.